

**ETNOENTOMOLOGIA** Inseto de aparência curiosa e que inspira medo ainda é pouco conhecido

# Fatos reais e lendários sobre a jequitiranabóia

**Eraldo Medeiros Costa Neto**

Departamento de Ciências Biológicas,  
Universidade Estadual de Feira de Santana (BA)

O inseto popularmente chamado de jequitiranabóia provoca curiosidade e medo mesmo nos que apenas ouviram falar de sua suposta 'picada mortal'. Na Costa Rica, por exemplo, existe a crença de que uma pessoa jovem 'ferroada' pelo inseto deve ter relações sexuais em menos de 24 horas, ou morrerá. Diz-se ainda que, se a vítima é um homem, uma virgem seria o melhor antídoto. De modo semelhante, a expressão "*picado por la machaca*" é aplicada, na Colômbia, a quem exibe grande apetite sexual. Já no Brasil, o inseto é considerado portador de um veneno mortal, que resseca as árvores das quais se alimenta e fulmina homens e animais. No Ceará, o nome do inseto é visto como um sinônimo de indivíduo terrível, e dado àqueles que perderam sua boa reputação.

Por sua importância lendária, a jequitiranabóia está presente nas artes plásticas e na música de vários países. Quando a Sociedade Brasileira de Entomologia (SBE) fez 50 anos, em 1987, a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos lançou dois selos comemorativos, um deles ilustrado com a espécie *Fulgora servillei* (hoje, *F. laternaria*), símbolo da entidade. Igualmente, a Sociedade Colombiana de Entomologia tem no periódico humorístico *La Machaca* um de seus órgãos de difusão. Na música folclórica do Equador e da Colômbia, o ritmo rápido conhecido como *cumbia* reflete as emoções supostamente causadas pela ferroada do inseto. Em alguns lugares do Peru, o inseto ainda é considerado atração turística e tem valor como *souvenir*.

A jequitiranabóia pertence à or-

dem Homoptera (a mesma das cigarras) e à família Fulgoridae. O gênero *Fulgora*, encontrado do México à Argentina, abrange oito espécies. O nome genérico provavelmente tem origem na mitologia romana: Fulgora era a deusa que protegia as residências contra relâmpagos e tempestades terríveis. Embora notáveis pelo tamanho (algumas espécies chegam a 9,5 cm de comprimento) e por formas bizarras, cores brilhantes e secreções de cera, pouco se sabe sobre a ecologia das espécies que habitam as florestas tropicais – exceto no caso dos fulgorídeos de importância econômica, como *Phrictus diadema* (praga do cacau no Brasil) e *Pyrops candelaria* (praga da manga na Ásia).

## As características do inseto

Embora seja de difícil observação na natureza, o inseto tem importância cultural significativa, devido às crenças e lendas associadas a ele. No Brasil, apresenta vários nomes populares, além de jequitiranabóia: jaquitiranabóia, jiquitiranabóia, jitiranabóia, jaquiranabóia, jaquitirana, jequitirana, tiranabóia, tiranabóia, gitirana, jitirana, cobra-de-asa, cobra-do-ar, cobra-voadora, cobra-do-eucalipto, cobra-cigarra, serpente-voadora, gafanhoto-cobra, cigarra-doida, cigarra-cobra e jacaré-namboya. A palavra jequitiranabóia tem origem no tupi-guarani e significa cigarra parecida com cobra (*yeki* = cigarra; *rana* = parecido; *mboya* = cobra).

Essa abundância de nomes para as espécies de *Fulgora* parece resultar de sua aparência – em especial o formato do apêndice cefálico (a 'cabe-



**A jequitiranabóia (*Fulgora laternaria*) assusta a população amazônica, devido ao seu estranho aspecto**

ga'). Pesquisadores diferentes já comentaram que esse apêndice é bastante parecido com a cabeça de um jacaré, contendo até falsas reproduções de olhos protuberantes e de dentes afiados. Também há semelhanças com a cabeça de cobras, como uma mancha que lembra as escamas labiais e caroços das serpentes da família Boidae (jibóia, por exemplo) e um ponto negro, entre os falsos olhos e a narina, parecido com a fosseta loreal (órgão sensor que percebe diferenças de temperatura) das jararacas (gênero *Bothrops*).

O curioso formato da 'cabeça' das espécies de *Fulgora* resulta do crescimento extraordinário de certas regiões de sua superfície, que 'incham' como uma bexiga e formam a protuberância que lhes dá a aparência de uma cabeça de réptil. Acredita-se que o apêndice frontal atue como uma defesa contra inimigos naturais (aves, lagartos e pequenos mamíferos), mas não há estudos que confirmem essa vantagem protetora.

Associado à cabeça está o 'ferrão', tido como o órgão com que o inseto injeta sua 'peçonha mortal'. Na verdade, trata-se do estilete sugador, situado na linha média do corpo, entre as articulações das pernas, e que se projeta para fora apenas quando o inseto se alimenta. Índios e caboclos da Amazônia dizem que, logo após a cabeça, o inseto tem um 'espinho' venenoso capaz de causar uma ferida se ele voar direto para o peito de um homem. Como eles costumam considerar a jequitiranabóia uma 'cobra', transferem a esse inseto, por analogia, o mesmo pavor que têm do réptil.

Outro aspecto salientado nas lendas é a 'ausência de olhos' na jequitiranabóia. Um dos motivos do pânico causado pela presença do inseto nas imediações de uma casa deve-se a essa suposta cegueira. Na verdade, ele tem olhos compostos, localizados na base da cabeça. A presença, nas asas posteriores de *F. laternaria* (mais curtas e largas que as anteriores), de manchas arredondadas semelhantes a olhos é outra característica curiosa. As manchas, segundo alguns pesquisadores, lembram o aspecto da borboleta-coruja (gênero *Caligo*), que também exibe em suas asas manchas ocelares semelhantes a olhos de coruja. Os 'olhos falsos' parecem servir como alarme ou ter função de aviso para inimigos naturais.

Os fulgorídeos também produzem e secretam uma cera que se solidifica em contato com o ar, formando filamentos brancos parecidos com flocos de amianto. Às vezes, essa cera é tão abundante que cobre



**Durante o vôo, podem ser vistas as manchas ocelares (semelhantes a olhos) em suas asas posteriores**

parte do corpo do inseto, ajudando a escondê-lo de predadores. Na Colômbia, tal secreção é tida como altamente afrodisíaca. A inalação do pó branco que reveste o corpo do inseto já foi tida como capaz de provocar vômitos, mas não há pesquisas que comprovem o fato.

### Ecologia e comportamento

Jequitiranabóias nutrem-se exclusivamente de vegetais, sugando sua seiva com o aparelho bucal ('ferrão' ou 'bico'), introduzido através do revestimento dos caules. Os danos que a 'picada' causa ao vegetal são insignificantes, e nunca o levam à morte. No entanto, algumas espécies de insetos sugadores de seiva podem eventualmente transmitir vírus ou bactérias capazes de prejudicar ou até matar a planta hospedeira.

As árvores hospedeiras das espécies de *Fulgora* são, em geral, aquelas que produzem e concentram resinas (gêneros *Hymenaea*, *Myroxylon*, *Vochysia*) e óleos (*Lecythis* e talvez *Eucalyptus*), ou contêm substâncias amargas em sua seiva (*Simaba*, *Zanthoxylum*, *Simarouba*), possivelmente gerando compostos secundários. Sabe-se que na seiva do marupá ou paraíba (*Simarouba amara*) há uma substância, a simarolida, que provavelmente é responsável pela grande atração do inseto pela árvore. No final do século 19, na costa sul da Bahia, a jequitiranabóia era chamada de 'bicho-do-pau-parahy'ba' justamente por freqüentar essa árvore.

A preferência por certas espécies de árvores foi constatada em estudo realizado durante cinco anos no Parque Nacional Santa Rosa, na Costa Rica, e tem uma explicação científica: em geral, esses insetos estão intimamente associados às plantas hospedeiras, que lhes fornecem alimento, abrigo e proteção contra predadores. Segundo estudos publicados, os

espécimes de *Fulgora* descansam durante o dia nos troncos das árvores mencionadas, em posição vertical e com a cabeça formando um ângulo com o corpo. Esse comportamento imita o dos lagartos da família Iguanidae. Tais lagartos comedores de insetos talvez sejam os predadores mais próximos da jequitiranabóia, o que explica o fato de o inseto procurar parecer-se com eles.

A bioluminescência (produção orgânica de luz) em espécies do gênero *Fulgora* – descrita pela primeira vez em 1681 pelo botânico inglês Nehemiah Grew (1641-1712) e registrada em 1705 pela ilustradora e naturalista alemã Maria S. Merian (1647-1717) no livro *Metamorphosis insectorum surinamensis* – foi motivo de muita controvérsia entre os pesquisadores. Erroneamente, Grew atribuiu a espécies de *Fulgora* a luz gerada por besouros do gênero *Pyrophorus*. De fato, já foi observada luminescência em *Fulgora*, mas esta se deve ao surgimento eventual, em geral fatal, de bactérias patogênicas na superfície do abdome e da cabeça dos fulgorídeos, ou na porção anterior de seu intestino, alojada no apêndice cefálico.

Na Amazônia, os caboclos dizem que o inseto produz um som prolongado, semelhante ao apito de um trem, mas esse ruído é na verdade produzido pela cigarra *Quesada gigas*.

O conhecimento sobre o comportamento reprodutivo dos espécimes de *Fulgora* ainda é escasso. Sabe-se que ambos os sexos têm a mesma cor, desenho e tamanho. Assim, a não ser pelos caracteres genitais, não têm qualquer diferença aparente entre si. A literatura registra dados referentes à cópula e postura dos ovos, que acontecem na planta hospedeira. Os ovos são postos em massa na superfície do tronco, colados com um fluido cimentante e cobertos com cera. O ciclo de vida é hemimetabólico – nesse processo as formas jovens, chamadas ninfas, são parecidas com a forma adulta, mas com asas atrofiadas, e há uma passagem direta de uma forma à outra, inexistindo a fase de pupa, como em outros insetos.

### A origem da tradição aterradora

Os comportamentos socialmente construídos em relação à jequitiranabóia a colocam como um organismo que, na opinião leiga, deve ser temido e eliminado sempre que encontrado. Há vários relatos de encontros dramáticos e trágicos. O entomólogo inglês Henry Bates (1825-1892), por exemplo, que por 11 anos coletou insetos ao longo do rio Amazonas, registrou que uma jequitiranabóia surgiu de repente da floresta e atacou e matou oito dos nove tri-

pulantes de um barco. Por toda a Amazônia, quando um macaco subitamente caía morto das copas das árvores, sem causa aparente, dizia-se que tinha sido picado pelo inseto. Seu aparecimento inusitado em aglomerados humanos costuma ser associado a chuvas torrenciais e à sua atração pela luz artificial (quase sempre é visto pousado em postes da rede de luz elétrica, à noite).

Aparentemente, o mal atribuído ao inseto não é de toda uma simples crença. É possível que a jequitiranabóia de fato ferre quando manuseada inadvertidamente. E circunstâncias acidentais podem tornar o inseto tóxico. Às vezes, ele se alimenta de açacuzeiros e outros vegetais que produzem compostos tóxicos ou nocivos, tornando-se depositário de substâncias fatais. Sabe-se que alguns insetos coletam e utilizam substâncias tóxicas (terpenóides, por exemplo) como defesas. Felizmente, a literatura científica não registra qualquer caso de óbito decorrente do ataque de jequitiranabóia.

Se o inseto é inofensivo, por que existe a tradição aterradora? Seguramente, a semelhança com cobras é uma explicação possível, mas a origem desse temor pode também ser encontrada nos mitos e lendas indígenas. Certos grupos amazônicos vêem os insetos (ou ao menos alguns) como a manifestação palpável de princípios danosos, atribuídos à atividade de feiticeiros mal intencionados. Os xamãs de muitas tribos amazônicas, talvez devido à morfologia diferente da jequitiranabóia, consideram o inseto magicamente poderoso e o carregam em seus sacos de amuletos.

### Conservação da jequitiranabóia

Levando em conta o estado de conservação das florestas primárias no Brasil, é provável que algumas espécies de *Fulgora* venham a figurar em listas de animais ameaçados de extinção. Na Venezuela, *F. laternaria* já está nessa lista. A entomóloga Lois O'Brien, do Centro de Controle Biológico, na Flórida (Estados Unidos), acredita que apenas a manutenção das florestas remanescentes protegerá esses insetos.

Estratégias eficazes de conservação precisam de uma abordagem regional, que inclua a participação das comunidades humanas residentes. Assim, o conhecimento entomológico tradicional ajudaria os pesquisadores a melhor investigar o papel ecológico dos insetos e também a compreender as culturas nativas, e influenciaria os responsáveis pela tomada de decisões a aplicar práticas de manejo e conservação culturalmente mais viáveis. ■

A literatura científica não registra qualquer caso de óbito decorrente do ataque de jequitiranabóia